



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE LETRAS**  
**DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS**  
**MONOGRAFIA EM LITERATURA**

**IRIS GARCIA DA COSTA**

**O VAMPIRO E A SOCIEDADE VITORIANA:  
REINTERPRETANDO A MORALIDADE E ÉTICA EM *DRÁCULA* DE BRAM STOKER**

**BRASÍLIA - DF**  
**2023**

**IRIS GARCIA DA COSTA**

O VAMPIRO E A SOCIEDADE VITORIANA:  
REINTERPRETANDO A MORALIDADE E ÉTICA EM *DRÁCULA* DE BRAM STOKER

Monografia apresentada como requisito final para aprovação na matéria de Monografia em Literatura, a ser utilizada como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura no Curso de Letras Inglês: Língua inglesa e sua respectiva literatura, da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Pawel Jerzy Hejmanowski

Aprovado em:

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Claudio Roberto Vieira Braga

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Pawel Jerzy Hejmanowski

\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Virginia Andrea Garrido Meirelles

Brasília - DF

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>3</b>
<b>1. SÉCULO XIX: LITERATURA, MORAL E SOCIEDADE.....</b>	<b>4</b>
<b>2. CONOTAÇÕES COLONIAIS EM DRÁCULA.....</b>	<b>6</b>
<b>3. O CONDE DRÁCULA, A DUALIDADE MORAL E A HIPNOSE.....</b>	<b>9</b>
<b>4. DA ERA VITORIANA AO PRESENTE.....</b>	<b>14</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>16</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>18</b>

## **RESUMO**

A presente monografia tem como objetivo a utilização da obra *Drácula* de Bram Stoker para analisar a representação de questões morais e éticas existentes em sua narrativa, escrita no século XIX, e como têm sido reinterpretadas e assimiladas no presente. Examinar como os valores morais da sociedade vitoriana compunham a inspiração de Stoker e como sua obra contribui ao ressoar em debates atuais sobre moralidade, ética e a própria natureza humana. Além disso, procura-se destacar a relevância contínua de *Drácula* ao abordar tópicos discutíveis como o colonialismo, xenofobia, manipulação mental e conflitos vividos pelos personagens ao longo do romance. Por meio de uma exposição de suas ações, dilemas éticos presentes no romance, esta monografia pretende favorecer um maior entendimento das representações e ideias em torno do conceito de “bem e mal” que permeiam a obra de Bram Stoker.

**Palavras-chave:** Drácula. Ética e Moral. Colonialismo. Xenofobia. Sociedade Vitoriana

## **ABSTRACT**

This paper aims to use Bram Stoker's novel "Dracula" to analyze the representation of moral and ethical issues present in its narrative, written in the 19th century, and how they have been reinterpreted and assimilated in the present days. It examines how the moral values of Victorian society inspired Stoker and how his work contributes to current debates on morality, ethics, and human nature. Furthermore, it seeks to highlight the ongoing relevance of "Dracula" in addressing controversial topics such as colonialism, xenophobia, mental manipulation and conflicts experienced by its characters throughout the book's plot. Through an exposition of their actions and ethical dilemmas presented in the novel, this paper intends to promote a deeper understanding of the representations and ideas surrounding the concept of "good and evil" that permeate Bram Stoker's literary work.

**Keywords:** Dracula. Moral and Ethics. Colonialism. Xenophobia. Victorian Society.

## INTRODUÇÃO

Em meio a um período marcado por profundas transformações sociais, políticas e culturais, é publicado em 1897, o mundialmente famoso romance gótico, *Drácula*. Influenciado por tais mudanças em plena era vitoriana, Bram Stoker observa uma sociedade regida por duras normas sociais e princípios conservadores, não excluindo o poder da Igreja e seu protagonismo sobre o cotidiano vitoriano.

Desta forma, sua percepção torna-se crucial para o que viria a ser escrito nas páginas de sua obra, trazendo inovação no gênero de horror e o mito do vampiro, construindo Conde Drácula como uma criatura sedutora e imortal, gerando influência em diversas obras posteriores. Sua construção narrativa é estruturalizada de forma epistolar, ou seja, inclui capítulos que mostram páginas de diários, cartas, trechos de jornais e gravações fonográficas, fator que além de aprofundar os personagens para o leitor, delinea a sensação de suspense e mistério que caracteriza e integra a obra.

A ascensão do gótico é de extrema relevância para a análise, principalmente considerando seu contexto histórico e sociocultural. Servindo como inspiração para muitas futuras histórias sobre vampiros e horror, o romance não se limita a apenas isso. A visão sobre o Conde Drácula também se torna cada vez mais ampla, principalmente ao que se relaciona com sua complexidade e ambiguidade como personagem e sua significância como protagonista de um romance que inovou todo um gênero.

O objetivo desta monografia é apresentar essas diferentes facetas do personagem, levando em consideração o momento histórico de publicação e sua influência para a criação da obra, como a inserção de Drácula em um espaço etnocêntrico e imperialista e como esses elementos se relacionam com a moralidade. O questionamento de decisões através de uma análise moral e ética do que pode ser considerado bom ou corrupto e a pertinência desse conjunto que compõe *Drácula* e o torna uma importante obra clássica.

## 1. SÉCULO XIX: LITERATURA, MORAL E SOCIEDADE

Estendendo-se entre o período de 1837 a 1901, o Reino Unido passa por um momento de expressivas transformações socioeconômicas, culturais e políticas. Entender esse contexto histórico é um passo importante para assimilar como se moldou o pensamento de autores que marcaram a época. Com o avanço cultural, a intelectualidade também se acentua conforme movimentos literários como o Romantismo, que embora tenha iniciado no final do século XVIII, atingiu seu ponto alto na Grã-Bretanha e, segundo PERES et al. (2021, p. 03) “O movimento romântico pode ser considerado uma reação à Revolução Industrial, uma revolta contra as normas do Iluminismo e uma oposição à racionalização da natureza.”. Valorizando as emoções, natureza, liberdade para se expressar artisticamente e o individualismo, contrastando o período anterior que prezava a racionalidade e o clássico, abrindo as portas para o Realismo, que veio como uma resposta aos autores românticos.

Trazendo à tona questões sociais e as condições humanas de forma autêntica e crítica, o Realismo avança com o desejo de representar a realidade, retratando a pobreza, desigualdade e o cotidiano da classe trabalhadora, que se manifesta na literatura por escritores como Charles Dickens, autor de “Oliver Twist” e “David Copperfield” que são alguns dos romances que podem evidenciar as características do movimento literário. Com uma sociedade fortemente influenciada pelos valores religiosos com uma Inglaterra predominantemente cristã, e o Anglicanismo, doutrina protestante que surgiu durante o século XVI e diferentemente do catolicismo romano, rejeita a autoridade pontifícia e os dogmas específicos da Igreja Católica, se estabelecendo como igreja oficial do Estado.

Logo, naquele momento, a religião e moral coexistem servindo como uma espécie de manual de como se portar e se relacionar socialmente, a importância da família, o matrimônio, fidelidade conjugal e o incentivo de que os filhos também fossem expostos à educação religiosa e seus preceitos. Entretanto, é relevante pontuar que essas normas não eram aceitas por todos, consequentemente marcando o período por mudanças e desafios a essas normas estabelecidas.

A sociedade vitoriana, diversa e composta por pessoas de diferentes origens sociais, culturais e religiosas que não gostaria de simplesmente abdicar de suas raízes para acatar o

que estava sendo imposto e seguido pela maioria das pessoas, acaba influenciando um crescente questionamento sobre toda a situação, conseqüentemente trazendo novos movimentos intelectuais, que entraram em oposição não somente às normas sociais vigentes, mas também à Igreja em si, que incentivava fortemente tais comportamentos.

No ápice da Revolução Industrial, acompanhada pelo avanço da tecnologia, da teoria científica e filosófica, novas perspectivas foram apresentadas aos vitorianos. A expansão das cidades e das indústrias tirou as pessoas de suas zonas de conforto, principalmente por testemunharem desigualdades sociais, e um leque de questões ideológicas que não eram compatíveis com o que já havia sido estabelecido religiosamente. A desilusão e o sentimento de alienação levou muitas pessoas a buscarem formas alternativas de pertencimento espiritual e da reformulação de seus princípios sem as amarras tradicionalistas.

“A Inglaterra do século XIX era fervilhante e pulsante. Pessoas transitavam por suas ruas estreitas e mal cheirosas, carruagens tentavam ganhar seu espaço em meio à essas pessoas e, depois de nascer mais um dia, os operários dirigiam-se para o fatigante trabalho nas grandes fábricas. Quem eram esses trabalhadores e como vivem? Quais eram os seus medos, esperanças e objetivos em meio a esse caos total que guiavam suas vidas?” (CÁRDENAS, p. 07, 2005)

Desse modo, a literatura gótica desempenha um papel importante durante a era vitoriana; ainda que seu início tenha sido alguns séculos atrás, o gênero tornou-se popular em meio aos vitorianos. Pois da mesma forma em que Bram Stoker questiona a linearidade que a rigidez social e moral impunha, outros escritores como Mary Shelley ("Frankenstein"), Oscar Wilde ("O Retrato de Dorian Gray") começaram a explorar temas mais complexos como a dualidade humana, decadência moral, índole, busca pelo prazer etc. Com uma atmosfera sombria e munida de elementos sobrenaturais, essas narrativas ressoavam com intensidade na sociedade ao refletir seus medos, desejos reprimidos e anseios, especialmente por estar se opondo diretamente às ideias iluministas que ainda perduravam, como comenta Botting:

“A ficção gótica pode ser vista como uma forma de imaginar uma ordem baseada em princípios divinos ou metafísicos que foram deslocados pela racionalidade do Iluminismo (...). Pode-se dizer que ela embaralha, em vez de distinguir, as fronteiras que regulavam a vida social, e questiona, em vez de restaurar, qualquer continuidade imaginada entre passado e presente, natureza e cultura, razão e paixão, individualidade e família e sociedade.” (BOTTING, 1996, p. 47, minha tradução.)

Ao analisar “Drácula” de Bram Stoker dentro do contexto histórico em que foi escrito,



torna-se perceptível que Stoker molda seu antagonista de forma sedutora, ainda que temido. Um vampiro que sem grandes esforços confronta e pouco se importa com as crenças e os valores religiosos da sociedade vitoriana, representa o mal e todo o oposto que pregava o cristianismo e seus seguidores. Além disso, várias imagens diabólicas são descritas ao longo da narrativa, como a própria imagem do Conde Drácula, que tem seus olhos retratados como “brilhando como uma luz vermelha, como se o fogo do inferno queimasse dentro deles” (STOKER, 1987, p. 44). O castelo do Conde é visto como sombrio, com grandes corredores que podem facilmente causar confusão e a falta de senso de localização, passagens secretas e a sensação de uma atmosfera opressiva, e com a junção desses elementos, é possível a criação do horror e mistério. Por meio dessas características, é criado um clima inquietante ao leitor e evoca um lado soturno da imaginação, realçando a reflexão sobre os medos e a obscuridade da natureza humana. Essa abordagem desafia o conhecimento prévio da sociedade, questionando a racionalidade e a vulnerabilidade diante do que parece inexplicável, gerando uma nova perspectiva sobre a possível existência do sobrenatural, principalmente à sociedade vitoriana que até aquele momento não possuía contato com esse tipo de abordagem literária.

## **2. CONOTAÇÕES COLONIAIS EM DRÁCULA**

"Porque deixe-me dizer-lhe, ele é conhecido em todos os lugares por onde os homens têm passado. Na antiga Grécia, na antiga Roma; é popular em toda parte da Alemanha, na França, na Índia, até mesmo na Chersoneso; e na China, tão distante de nós em todos os sentidos, lá também ele está presente, e as pessoas o temem até os dias de hoje."

- Abraham Van Helsing, capítulo 8

Com maior compreensão acerca do contexto histórico e cultural da Era Vitoriana na sociedade conhecida por Bram Stoker, as mudanças políticas e socioeconômicas que tiveram influência significativa no que se entende sobre a ideia de superioridade racial e etnocentrismo - visão limitada à própria cultura e costumes, que desaprova e age com superioridade acerca das demais - também se tornam informações fundamentais para a

análise. A expansão do Império Britânico, que colecionou diferentes territórios em diversas partes do mundo e se consagrando como principal potência colonial, resultou no encontro de povos distintos e suas culturas. Uma narrativa já muito conhecida, especialmente sobre colonizadores e suas respectivas colônias.

A Transilvânia, uma região montanhosa no centro-oeste da atual Romênia, é comumente associada às lendas vampíricas e aos estereótipos sobre sua cultura exótica, paisagens opacas que lembram os cenários sombrios e onde grandes castelos são descritos em diversos contos de horror e suspense ao longo dos séculos. Com influência de povos eslavos, germânicos, húngaros e outras civilizações que compõem a história cultural da região, o folclore e mitos sobrenaturais ganharam proporção, juntamente a representações literárias e suas adaptações cinematográficas que com frequência retratam a Transilvânia com atmosfera mística cercada por mistérios locais.

Em “O Convidado de Drácula”, conto (ou capítulo não publicado na obra, como alguns sugerem) publicado em 1914, dois anos após a morte de Bram Stoker, é narrado a turbulenta jornada de um inglês que deixa a Alemanha em busca do castelo do Conde Drácula. Durante seu trajeto tempestuoso, moradores tentam o desencorajar mencionando que é noite de *Walpurgisnacht*:

“*Walpurgisnacht*, quando, de acordo com a crença de milhões de pessoas, o diabo saía de casa - quando as sepulturas eram abertas e os mortos saíam e caminhavam. Quando todas as coisas más da terra, do ar e da água faziam seu festim. O cocheiro tinha evitado este lugar especialmente. Esta era a aldeia despovoada de séculos atrás. Era aqui que jazia o suicídio, e era neste lugar que eu estava sozinho - abatido, tremendo de frio sob uma mortalha de neve, com uma tempestade violenta pronta para desabar de novo sobre mim! Precisei de toda a minha filosofia, de toda a religião que aprendera, de toda a minha coragem, para não sucumbir a um ataque de medo.” (STOKER, p. 10, 1897)

O conto reafirma as suposições acerca do misticismo na Transilvânia, assim como a prática de propagar lendas locais, da construção do sentimento escalar de horror que assola o protagonista durante todo o momento de sua viagem, que por fim, não atinge suas expectativas, deixando dúvidas sobre a veracidade dos eventos vividos para que o leitor possa refletir e questionar.

No romance, Conde Drácula é explicitamente visto e descrito como “o outro”, um termo utilizado para se referir a um indivíduo estrangeiro, estranho, diferente e não

pertencente àquele lugar. Um nobre romeno de pele pálida, capaz de transformar-se em animais e que exibe uma natureza predatória que contrasta com basicamente todos os costumes e normas sociais regularmente aceitos e conhecidos entre os britânicos. Embora no livro não seja perceptível que o Conde possua alguma dificuldade para se comunicar em inglês, supõe-se que o vampiro exiba algum sotaque originário da Transilvânia, que por sua vez contém um amplo acervo linguístico com influências históricas da Alemanha, Romênia, Hungria e outros. É uma característica do personagem que costuma ser mais livremente explorada no cinema e/ou peças de teatro, onde atores exibem pesados sotaques e trejeitos vilanescos. Ainda se tratando de questões linguísticas, a barreira idiomática é uma característica na escrita de Stoker, seja isso proposital ou não, que ajuda a construir a sensação de deslocamento e a destacar a percepção de estranheza, especialmente durante o início da visita de Jonathan Harker até o castelo de Drácula:

“Pude ouvir muitas das palavras que eram frequentemente repetidas, palavras estranhas, pois havia muitas nacionalidades misturadas na multidão. Sendo assim, calmamente tirei da maleta meu dicionário poliglota e passei a procurá-las. Devo confessar que não me tranquilizaram, pois a maioria delas era *Ordog*, Satã, *pokol*, inferno, *stregoica*, feiticeira, *vrolok* e *vlkoslak*, ambas significando a mesma coisa, uma em eslovaco e a outra em sérvio, para algo parecido como lobisomem ou vampiro (*Lembrar de perguntar ao Conde sobre essas superstições*).” (STOKER, p. 22, 1897)

Sem a principal ferramenta para comunicar e compreender, que é a língua, é possível isolar e ser isolado. A incompreensão do outro, como é narrado no trecho acima, gera suspeitas e dúvidas que crescem a desconfiança. A omissão de segredos e motivações dos personagens, ou até mesmo quando são expostos em um idioma desconhecido que o protagonista não consegue identificar ou só reconhece fragmentos da fala, reforçam a ideia de que associa-se o desconhecido ao medo, dois elementos constantemente presentes no gênero gótico. É um dispositivo narrativo que acentua a vulnerabilidade humana diante do que se desconhece e o sentimento em relação ao “outro”.

Em síntese, mesmo que o leitor esteja ciente de que Drácula é um antagonista sanguinário e várias de suas ações sejam moralmente duvidosas, a ideia etnocentrista faz com que a figura maligna do vampiro seja melhor compreendida. A sua construção é muito maior do que os elementos visuais estereotipados; não são somente as presas, a sede de sangue, os trajes sombrios e um castelo assustador que constituem o horror no romance de Bram Stoker, mas a estigmatização do “outro”, que também pode ser interpretado como uma crítica

metafórica da preocupação que a expansão do Império Britânico causava à sociedade da época. A chegada do Conde Drácula ilustra o que ele seria para a Inglaterra, de forma similar ao que um novo território seria para os britânicos durante seu período de conquistas: uma novidade, possível ameaça e um encontro com o estranho. Uma ameaça à estabilidade e ordem social existentes.

No momento presente é plausível, mesmo que seja uma experiência individual, que a leitura do clássico livro sobre o vampiro mais famoso do mundo não cause medo, mas sentimentos e reações adversas. Pois além da diferença de contextos históricos em que o livro é consumido, as conotações coloniais e fatores apresentados por Stoker tiveram seu impacto sobre os vitorianos mesmo que provavelmente de forma inconsciente, William Patrick Day comenta que “Praticamente todas as histórias de vampiros carregam agora o peso do passado como parte de sua significância, um peso que reflete nossas respostas conflitantes de rebeldia e nostalgia em relação à tradição.” (2002, p. 12) pois não só contribuem para a atmosfera gótica do romance, mas também servem como a abertura de uma nova perspectiva ao que entende-se sobre questões de controle, poder e toda uma reorganização de ideias já socialmente implementadas no século XIX.

### **3. O CONDE DRÁCULA, A DUALIDADE MORAL E A HIPNOSE**

Um *plot*, ou enredo, pode ser descrito como uma sequência de eventos que ocorrem dentro de uma história, contendo personagens que compõem grande parte desses eventos que sucedem dentro da narrativa e considerando esse leque de possibilidades para criar personagens bons ou maus, Bram Stoker focou especificamente no Conde Drácula para atuar como peça essencial em seu romance. O termo “antagonista” pode significar, dentre outras definições, como “o que se movimenta ou se procede em direção contrária.” (HOUAISS, 2009, p. 32) sendo possível ver de forma metafórica que Drácula, tanto como personagem quanto a obra em si, caminham em oposição ao que se era esperado na sociedade da época. Mesmo que atualmente a imagem do Drácula tenha sido ressignificada e se tornado objeto da cultura popular que “suaviza” sua representação, é importante lembrar que o Conde é um antagonista que se encaixa nas piores definições da palavra, como descreve Jonathan Harker

no segundo capítulo: “Enquanto o Conde se inclinava sobre mim e suas mãos me tocavam, não consegui conter um arrepio. Pode ser que sua respiração estivesse pútrida, mas uma terrível sensação de náusea me invadiu, e não importava o que eu fizesse, não conseguia disfarçá-la.” (STOKER, 1987, p.18, minha tradução).

O mito do vampiro transita entre os folclores e lendas enraizadas em diferentes culturas ao redor do mundo. Na Europa Oriental, nos países como a Romênia, Hungria e Sérvia são onde o folclore vampírico ressalta-se em particular. A aparição do gótico entre o fim do século XVIII e no início de seu sucessor, veio como uma espécie de “evolução” dessas lendas urbanas, uma vez que as ideias de que criaturas horripilantes, imortais e com sede de sangue humano, eram transmitidas comumente de forma oral através das pessoas. Embora não haja evidências concretas de certas inspirações de Bram Stoker durante seu processo criativo, há menções históricas que auxiliam a elucidação da imagem do Conde Drácula.

Na antiga Valáquia, que hoje conhecemos como Romênia, o governante Vlad III, também conhecido como Vlad, o Empalador tornou-se uma figura histórica. Conhecido por seu governo impiedoso e a utilização de sessões de torturas, recebeu o apelido de “o Empalador” por atravessar estacas afiadas nos corpos de suas vítimas, empalando-as como demonstração de poder tanto para intimidar ou simplesmente dar fim à vida de seus inimigos.

Com um governo enfrentando uma série de conflitos, batalhas contra o Império Otomano e invasões, Vlad ficou conhecido por sua ferocidade, resistência e por adotar um comportamento militar, aplicando suas habilidades de guerra em seus oponentes, que frequentemente resultaram nas táticas mortais que levaram fama ao seu nome. Assim como outros líderes que passaram pela história, a narrativa desses acontecimentos romenos são complexos ou até mesmo controversos, pois mesmo visto majoritariamente como uma pessoa perversa e cruel em fontes de pesquisa e alguns estudiosos, há também outras análises que enxergam Vlad III com coragem; um príncipe destemido que lutou pelo seu povo contra o Império Otomano e outros inimigos sem medir esforços.

Dito isso, sua bruta reputação não levou muito tempo para servir como inspiração para contos, lendas e histórias que repercutiram no decorrer dos séculos. A figura do vampiro tornou-se relevante na literatura a partir do século XVIII, com uma maior busca e interesse pela literatura gótica e romântica.

Imagem 1



Vlad, o Empalador e os Enviados Turcos, cerca de 1862, por Theodor Aman.

Ao longo do romance, o leitor testemunha como o Conde utiliza suas habilidades vampíricas (super força, agilidade, hipnose, controle sobre os animais noturnos e outros) para seduzir e influenciar as pessoas ao seu redor, obtendo vantagem ao descobrir suas fraquezas e se aprofundando em seus pensamentos, sejam eles bons ou ruins, e suas tentações. Desse modo, levanta-se um dilema ético importante que se reproduz várias vezes ao decorrer dos capítulos: a liberdade individual e a autonomia.

Segundo John F. Kihlstrom (1985), a hipnose pode ser definida como “uma interação social na qual uma pessoa, designada como sujeito, responde a sugestões oferecidas por outra pessoa, designada como hipnotista, para vivenciar alterações na percepção, memória e ação voluntária. No caso clássico, essas experiências e os comportamentos correspondentes estão associados a uma convicção subjetiva próxima à ilusão e a uma falta de controle próxima à compulsão.” Dentro desse trecho, é possível identificar e associar o método terapêutico que teve início no século XVIII à habilidade sobrenatural que é descrita por Stoker dentro de seu romance fictício e como essa prática ameaça o livre arbítrio. Assim, é possível visualizar o Conde como um hipnotista, que subjuga as vontades de suas vítimas em prol de seus próprios interesses ao exercer o

controle mental sobre os personagens.

Ainda sendo, literalmente, um forte antagonista, Drácula não é invencível. Apesar de seu poder hipnótico ser inato, o Conde não é o único conhecedor da técnica e possui um oponente à altura nesse sentido. Abraham Van Helsing, ou apenas Van Helsing, é apresentado ao leitor como um personagem que pode ser a solução dos problemas enfrentados por Jonathan e Mina Harker, vítimas do vampiro. Professor, médico e famoso caçador de vampiros, é inserido no romance após ser chamado para curar Lucy Westenra - amiga de Mina Harker, que traz consigo outros personagens em suas cartas, ao narrar que três jovens (Dr. John Seward, Arthur Holmwood e Quincy Morris) a desejam como esposa. Ao escrever e caracterizar Lucy, Stoker (1987) provoca os valores rígidos seguidos na Inglaterra Vitoriana em momentos como: “Por que não podem deixar uma garota casar-se com três homens, ou quantos ela desejar, resolvendo de vez esse problema?” (p. 59, minha tradução).

Recém transformada em uma vampira após sofrer um ataque por Drácula, Lucy é vista por seus pretendentes alimentando-se do sangue de uma criança, o que leva os homens a concordar com os métodos de Van Helsing em seu ritual de caça; com uma estaca, Arthur Holmwood atravessa seu coração e num ato coletivo, removem a cabeça de Lucy e cobrem sua boca com alho para garantir que, apesar de tudo que foi feito quando a humanidade lhe foi tirada, sua alma seja livre para descansar. Van Helsing também utiliza a hipnose como uma de suas estratégias para deter o Conde fazendo com que seu poder seja utilizado contra si mesmo, numa tentativa de descobrir as fraquezas de Drácula e obter vantagem para que tenham uma chance de escapar.

Embora o Conde aja de forma persuasiva para conseguir o que deseja - criar um exército para controlar a Europa e ocasionalmente dar continuidade a sua espécie - é intrigante o paralelo que se forma entre as ações de ambos os lados. Drácula utiliza o transe mental para estar no controle enquanto Van Helsing usufrui de seus métodos combativos, um deles sendo a prática da hipnose, para controlar o vampiro em uma tentativa de auto defesa. Mesmo com diferentes motivações ou como essas ações são feitas, seja por meio de um ser imortal e poderoso que não necessita de grandes esforços para apoderar-se da mente, ou por um humano estudioso que lidera contra o Conde utilizando unicamente o intelecto a seu favor e a força física que é, certamente, inferior ao de seu oponente, é possível notar que Drácula e Van Helsing ferem o livre arbítrio do outro de forma bastante similar, mas

por ser estabelecido logo nas primeiras páginas da obra que o Conde atua como antagonista do romance, o leitor pode ser facilmente guiado por uma narrativa que nutre empatia por Jonathan Harker dentro das páginas de seu diário e pelos outros personagens que também temem e lutam para dar fim ao tormento criado por Drácula, naturalmente esperando-se que o Conde seja derrotado, mesmo que os meios para esse fim sejam eticamente duvidosos.

Ainda que Van Helsing utilize a hipnose de forma positiva e com o consentimento de seus pacientes e outras pessoas que busquem por sua ajuda, como no caso dos Harker, que ao iniciarem um transe mental, conseguem aprimorar suas vontades próprias de forma que a influência do vampiro seja dificultada e o mais importante, descobrir informações relevantes sobre os planos do Conde:

“Instintivamente, com o amanhecer chegando, virei-me para a Senhora Mina, pretendendo hipnotizá-la; mas ela estava em um sono profundo e repentino, do qual eu não conseguia acordá-la. Tentei hipnotizá-la durante o sono, mas ela não deu nenhuma resposta, nenhuma mesmo; e o dia amanheceu.” (STOKER, 1987, p. 368, minha tradução.)

Deve-se levar em consideração que fora da literatura, a técnica da hipnose não era bem recebida na época em que “Drácula” foi escrito. Assim como muitas coisas eram mal vistas pela sociedade vitoriana, a hipnose era mais um alvo de má compreensão e controvérsias, demonstrando que Stoker não necessariamente defende a técnica ou seus praticantes (principalmente considerando o feitos do Conde com esse poder), mas reafirma que o autor aborda tópicos normalmente reprovados na perspectiva social tradicionalista, possivelmente em prol da autenticidade de seu trabalho literário.

#### **4. DA ERA VITORIANA AO PRESENTE**

Analisando o passado histórico e os capítulos anteriores, é evidente que com sua obra Bram Stoker surpreendeu e levantou diferentes reações de muitos leitores no início do século XX, mesmo após a sua morte, pouco mais de uma década após o lançamento de seu romance em 1897. E assim como muitos clássicos literários, “Drácula” ainda é frequentemente debatido entre estudiosos da literatura. Em virtude disso, a perspectiva durante a leitura da obra se reinventa cada vez mais com a passagem dos anos, devido



principalmente às mudanças ideológicas, socioeconômicas e culturais que avançam e seguem em constante metamorfose.

A ética e a moralidade acompanham a narrativa de forma intrínseca, nas ações de praticamente todos os personagens. Mas não se limita somente ao que é dito e feito explicitamente por meio epistolar; nas páginas do diário de Jonathan Harker, nas cartas escritas por Mina, nos telegramas enviados a Van Helsing e outros. Dentro de um leque diversificado de valores, hoje se conhece uma sociedade que se contrasta fortemente aos dias vitorianos, nos campos da religião, filosofia, globalização, tecnologia e outros aspectos. A secularização é um termo utilizado que pode ilustrar essa transição, Wilson (1969) explica:

“A secularização é um processo pelo qual pensamento, práticas e instituições religiosas perdem significação social. Os valores fundamentais que regem as sociedades modernas não derivam de preceitos religiosos. Os preceitos religiosos já não são mais, nas modernas sociedades secularizadas, a base da organização social.”

Ou seja, o mundo atual passa a não seguir estritamente os mandamentos da Igreja, ainda que esses valores religiosos permaneçam relevantes e continuem sendo praticados pelos mais conservadores através de gerações e gerações. Porém, esse conceito citado por Wilson traz como resultado uma divisão entre religião e moralidade. Ao fundamentar novos princípios e ideologias, as pessoas passam a buscar além do que é conhecido e repassado pela doutrina cristã ou pela limitação do que é ensinado dentro do contexto familiar. A noção do que é ético e moral torna-se relativa e novas perspectivas vêm à tona. O pluralismo se impõe apresentando a possibilidade de que existem mais coisas além do que é conhecido.

Diferentes crenças religiosas, tradições, feitos e teorias científicas surgem em detrimento da religião dominante, o que pode dar ênfase à racionalidade e à educação. O etnocentrismo e a xenofobia não cabiam em discussões que poderiam pontuar seus impactos negativos na sociedade, principalmente em um momento onde colonizadores e suas invasões protagonizavam a história e reforçavam uma visão que empobrecia outras culturas e seus respectivos povos, realidade que, embora não pertença aos dias atuais com a mesma força, não é correto dizer que etnocentrismo está erradicado. Entretanto, hoje há leis e medidas punitivas que são aplicadas visando o combate de tais intolerâncias que Stoker teceu ao redor dos ingleses que assistiam o Conde Drácula como terrível monstro e invasor de suas terras.

Essa análise faz o leitor contemporâneo que decidir se aventurar por “Drácula”

observar que a complexidade do famoso vampiro vai muito além de ser bom ou mau. O Conde é uma criatura singular com sede de sangue, condicionado a caçar e a corresponder todos os seus instintos inatos, buscar a imortalidade e conseqüentemente dar continuidade à sua raça. Isso o faz ser mau? Talvez, quando se considera que para expandir seus iguais uma vida é tomada e a humanidade de sua vítima se esvai completamente. Porém, as reações e ataques feitos por Van Helsing e seus amigos são somente justificáveis porque estão se defendendo de uma ameaça? Conde Drácula controla mentes naturalmente, enquanto Van Helsing utiliza o próprio intelecto para adquirir uma habilidade tão próxima quanto a do vampiro, ao ponto que ele também passa a entrar na mente dos personagens na intenção de fazer o “bem”, havendo manipulação de ambos lados, controle mental e fatalidades.

Em uma narrativa oposta, onde se imagina que os caçadores de vampiros são os vilões e os vampiros fazem parte de uma sociedade invadida por esses exterminadores, os papéis se invertem e até mesmo podem fazer alusão às questões coloniais e/ou xenófobas já discutidas, demonstrando que a atribuição de personagens bons ou maus é feita muitas vezes de forma minuciosa, seja para simplesmente construir um vilão para um herói, para criticar um sistema, obter uma catarse e outras razões. O caso de “Drácula” é bastante interpretativo, principalmente no presente, pois o vampiro é visto como uma figura icônica, elegante, descolada e não exatamente assustadora, enquanto supunha-se que os vitorianos descreveriam o vilão com adjetivos completamente diferentes e não muito positivos.

Afinal, é uma narrativa que faz críticas à sociedade da época e que não necessariamente faça afronta a uma nova geração de leitores que chegam quase 130 anos depois, mas se apresente como um clássico do horror que está presente em diversos setores da cultura popular e o seu consumo. Com a secularização, o julgamento do leitor acerca de diversos pontos é feito sob uma ótica moderna que talvez até nem se note diretamente as sutilezas entregues por Bram Stoker, mas que por obter uma visão contemporânea, a ideia de maldade e bondade seja explorada de maneira ampla, considerando o conhecimento que a humanidade adquiriu durante todo o tempo pré e pós o “Drácula” de Bram Stoker.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia teve como objetivo apresentar questões de moralidade e ética contidas na obra de Bram Stoker, “Drácula”. Assim como a dualidade moral do vampiro, as motivações e conflitos enfrentados pelos personagens do romance, considerando o contexto narrativo e histórico onde estão inseridos. As diferentes interpretações acerca da construção do personagem Conde Drácula e suas motivações e ações. Também são levantados a xenofobia e o colonialismo que se apresentam de forma metafórica, o que permite uma reflexão mais densa sobre o assunto dentro e fora da literatura, em especial se tratando sobre a percepção da sociedade vitoriana em comparação ao que se interpreta desses aspectos nos dias atuais através da secularização.

Como resultado, compreende-se que o universo criado por Stoker toma espaço e relevância maior do que se espera de mais um horror gótico. É um clássico literário que explora dilemas, critica ao expor o etnocentrismo vitoriano e o colonialismo europeu e desafia os valores morais da época personificando os temores morais ao representar a quebra dessas normas sociais. Outros pontos são discutidos como o controle mental de forma fictícia, assim como técnicas reais utilizadas por estudiosos da hipnose e da psicologia, que eram igualmente censuradas pelo conservadorismo, trazendo alusão ao medo das novas tecnologias e do avanço científico. A decisão sobre o que é ser bom ou mau é complexa. É necessário considerar a ambiguidade do Conde Drácula, assim como as circunstâncias que os Harker, Van Helsing e outros estão sofrendo ao longo da narrativa. A obra deixa espaço para que diferentes interpretações e reflexões sejam feitas no início, meio e fim da leitura.

Dessa forma, conclui-se que “Drácula” comunica de forma atemporal para antigos e novos leitores, trazendo uma experiência individual que causa sensação de antiguidade, dias passados, ao mesmo tempo que sugere algo novo e vigente. Reforça que o gênero gótico não se limita apenas ao medo, horrores e monstros, mas traz consigo fortes evidências dos costumes de vidas passadas, suas emoções, impressões sobre a morte e a implementação de elementos do sobrenatural que caracterizam a singularidade do gênero.

## REFERÊNCIAS

BOTTING, Fred. *Gothic*. Routledge, 2013.

CÁRDENAS, Viviane. *Dickens e a Era Vitoriana: Ascensão da indústria, declínio do homem*, 2005.

DAY, William Patrick. *Vampire legends in contemporary American culture: what becomes a legend most*. University Press of Kentucky, 2002.

HOUAISS, Antônio. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. 1ª ed. Editora Objetiva, 2009.

KIHLSTROM, John F. Hypnosis. *Annual review of psychology*, v. 36, n. 1, p. 385-418, 1985.

PERES, Cristiane et al. *As personagens femininas na obra de Jane Austen*, 2021.

STOKER. Bram. *Dracula*. Archibald Constable and Company, 1897.

WILSON, Bryan. *La religión en la sociedad*. 1.ed. Espanha: Labor, 1969.